

Autoridade e [i]legitimidade do poder na narrativa exodal: um enfoque literário-teológico acerca do antagonismo entre YHWH e faraó mediado pela perspectiva filosófico-conceitual de Hannah Arendt

Authority and [il]legitimate power in the exodal narrative: a literary-theological approach to the antagonism between YHWH and pharaoh mediated by the philosophical-conceptual perspective of Hannah Arendt

*Petterson Brey
Rodrigo Serveli*

Resumo

Propõe-se um ensaio acerca da questão da autoridade e [i]legitimidade do poder na narrativa exodal, por meio de uma abordagem literário-teológica ajustada pela *análise narrativa*. Há de se investigar, no âmbito do *mundo narrado* na primeira parte do livro do Êxodo, o antagonismo entre YHWH e Faraó, tendo como mediação a perspectiva filosófico-conceitual de Arendt. Tal enfoque baseia-se no texto “que é autoridade?”, no qual concebe-se a autoridade como uma forma de poder fundamentada na aceitação e reconhecimento de uma hierarquia ou tradição, sendo obedecida sem necessidade de coerção ou persuasão, mas pelo reconhecimento da legitimidade moral do caráter de quem exerce a soberania. Assim, propõe-se analisar, com base no conceito tripartite de Arendt sobre poder, força e autoridade, as acepções filosóficas do antagonismo teológico entre YHWH e o faraó egípcio. Destarte, há de se demonstrar que o legislador-protagonista, em Ex 19,4-6, estabelece um contraste entre o caráter de YHWH e de Faraó como fundamento retórico da *aliança*. Esse contraste atesta a legitimidade do poder do SENHOR frente ao sistema opressivo do Egito. Conclui-se, então, que as ações de justiça ou injustiça dos soberanos determinam a legitimidade ou ilegitimidade do poder exercido por eles, fundamentando assim sua própria autoridade.

Palavras-chave: Autoridade e poder. Narrativa Exodal. Hannah Arendt. Que é autoridade.

Abstract

An essay is proposed on the issue of authority and [il]legitimacy of power in the exodus narrative, through *narrative analysis*. Within the scope of the *narrated world* in the book of Exodus, the antagonism between YHWH and Pharaoh must be investigated, using Arendt's philosophical-conceptual perspective as mediation. This approach is based on the text “What is authority?”, in which authority is conceived as a form of power based on the acceptance and recognition of a hierarchy or tradition, being obeyed without the need for coercion or persuasion, but through the recognition of moral legitimacy of the character of those who exercise sovereignty. Thus, it is proposed to analyze, based on Arendt's tripartite concept of power, strength and authority, the philosophical meanings of the theological antagonism between YHWH and the Egyptian pharaoh. Therefore, it must be demonstrated that the legislator-protagonist establishes a contrast between the character of YHWH and Pharaoh as the rhetorical foundation of the *covenant*. This contrast attests to the legitimacy of the LORD's power in the face of Egypt's oppressive system. It is concluded that sovereign actions of justice or injustice determine the legitimacy or illegitimacy of the power exercised by them, thus substantiating their own authority.

Keywords: Authority and Power. Exodal Narrative. Hannah Arendt. what is authority.

Introdução

Existe, na atualidade, uma grande controvérsia sobre o uso da Bíblia no debate público acerca de questões hodiernas no campo da sociologia e da política, bem como da ética e da moral, no que tange às discussões a respeito da bioética, pauta de costumes, entre outros temas. Tal polêmica gira em torno da apropriação dos textos bíblicos para legitimar a autoridade de certos interlocutores e seus discursos, geralmente em perspectiva a anacrônica e fundamentalista, em vista de uma *teologia do domínio*. Fatalmente, com isso, tem ocorrido, por parte de opositores a esse extremo ideológico, críticas acerca da relevância da Bíblia como fonte de autoridade intelectual para se pensar os problemas do mundo contemporâneo.

Abstendo-se, porém, no âmbito destes dois extremos, de tomar parte nesta celeuma, o presente texto pretende, alternativamente – sem defender o anacronismo fundamentalista, tampouco fomentar o ostracismo dos estudos bíblicos –, apresentar uma proposta relevante para o campo da hermenêutica bíblica nos dias de hoje. Para isso, conquanto deva-se evitar a aplicação direta das proposições regulamentadas pela legislação do Antigo Israel ao contexto da contemporaneidade, há de se buscar no *mundo narrado* pelas Escrituras elementos de sabedoria atemporal que dialoguem

filosoficamente com os problemas da humanidade ao longo de todos os tempos. Inspira-se, pois, aqui, nas palavras de Matthias Grenzer, segundo as quais, “ao dialogar com o passado e com suas vozes mais marcantes é que, justamente, podem surgir, no tempo atual, resistências a quem insiste na maldade e nas posturas marcadas pela solidariedade”.¹

Dito isto, há de se dar uma palavra acerca do enfoque metodológico que aqui será usado para tratar do tema da autoridade e [i]legitimidade do poder na narrativa exodal. Primeiramente, anuncia-se que o presente estudo consiste em uma abordagem literária, circunscrita metodologicamente pelos moldes da *análise narrativa*, tendo no exame do *arco narrativo* das personagens YHWH e Faraó o seu principal enfoque. Em segundo lugar, como ferramenta conceitual de mediação hermenêutica, aplicar-se-á a concepção filosófica de Hannah Arendt a respeito do “que é autoridade?”,² para abstrair do *discurso narrativo* da trama exodal qual seja a sabedoria atemporal aplicável aos problemas do mundo hodierno.

Hannah Arendt concebe a *autoridade* como uma forma de *poder* que, por ser obedecida sem a necessidade de coerção ou persuasão, fundamenta-se na aceitação e no reconhecimento de uma hierarquia ou tradição. Tal obediência, por conseguinte, se dá sem que haja a imposição de *força*, mas pelo reconhecimento da legitimidade moral do caráter de quem está exercendo a soberania.³ Dessa forma, o presente estudo pretende, em vista do conceito tripartite de Hannah Arendt a respeito do *poder*, *força* e *autoridade*, analisar, no âmbito do *mundo narrado* no livro do Êxodo, as acepções filosóficas acerca do antagonismo teológico entre YHWH e o faraó egípcio.

Em perspectiva do discurso preambular à promulgação da legislação do Antigo Israel, quando o SENHOR elege o seu povo como “reino de sacerdotes e nação santa” (Ex 19,4-6), o discursista-legislador estabelece, como fundamento retórico da *aliança*, um contraste entre o caráter de YHWH e de Faraó. Tal fundamentação se constitui como ferramenta de atestação da legitimidade do poder do SENHOR frente ao sistema discricionário do Egito escravista. Portanto, são as feições do caráter dos soberanos, vertidas em suas *ações* de justiça ou injustiça, em relação ao povo oprimido, que determinam a legitimidade ou ilegitimidade do *poder* exercido por eles para fundamentar a própria *autoridade*.

À vista disso, para cumprir seus objetivos, o presente estudo percorrerá o seguinte trajeto redacional: (1) preliminarmente, há de se discorrer acerca das especificidades conceituais da abordagem filosófica de Hannah Arendt sobre a questão da autoridade, para que, assim, seja possível delimitar sua utilização no processo hermenêutico aqui pretendido; (2) na sequência, tratar-se-á a respeito dos aspectos

¹ GRENZER, M., A proposta ímpar do amor ao imigrante (Lv 19,33-34), p. 14.

² ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 127-187.

³ HUISMAN, D., Entre o passado e o futuro (1954) – Dicionário de obras filosóficas, p. 185.

constitutivos das narrativas bíblicas e o método de abordagem; (3) em seguida, discorrer-se-á, em perspectiva literária, a respeito do desenvolvimento do *arco narrativo* das personagens YHWH e Faraó no âmbito do *mundo narrado* no livro do Êxodo, em perspectiva das questões teológicas subjacentes à *unidade temática* da trama exodal; (4) por fim, investir-se-á, como exercício hermenêutico, na interpretação desse enfoque literário-teológico, aplicando a mediação do conceito filosófico a respeito do “que é autoridade?”, de Hannah Arendt.

1. Considerações preliminares sobre o “que é autoridade?” em Hannah Arendt

Em vista de investigar essa temática em Hannah Arendt, há de se buscar, como referencial, o capítulo “que é autoridade?” no livro intitulado “Entre o Passado e o Futuro”,⁴ publicado originalmente em 1961 nos Estados Unidos, sob o título original “Between Past and Future”. Nesta publicação, a autora identifica, na sociedade de seu tempo, o estabelecimento de uma crise de autoridade, que, segundo ela, “é política em sua origem e natureza”.⁵ Tal crise, todavia, é tão profunda que, para ela, sua amplitude abrange áreas “pré-políticas, tais como criação dos filhos e a educação”.⁶

Isso se faz relevante, pois, como ela ressalta, estes modelos de relações autoritárias serviram de inspiração do pensamento político, bem como “para uma grande variedade de formas autoritárias de governo”⁷ por milênios. Hannah Arendt argumenta que os gregos, por exemplo, em seu exercício de autoridade, usavam a persuasão em assuntos da pólis e a força ou violência em assuntos estrangeiros, entretanto, ela identifica em filósofos como Platão e Aristóteles a possibilidade de outra alternativa melhor. Em seu entendimento, a verdadeira autoridade deve excluir usos externos de persuasão e coerção, pois caso se utilize de persuasão para convencer alguém de algo, isto é sinal de falta de autoridade, visto que pressupõe uma relação de igualdade entre indivíduos. Portanto, em termos de autoridade legítima, argumentação não é uma opção aceitável.

Pior que a persuasão, todavia, é o uso do poder ou violência. Para Hannah Arendt, não se pode equacionar violência com autoridade. Conquanto consiga-se muito com a opressão de indivíduos, essa seria uma mera abordagem funcional da questão. Valendo-se da imagem ilustrativa, segundo a qual, pode-se usar um salto-alto para cravar um prego na madeira, mas um sapato não é um martelo, a autora assevera que o fato de se conseguir os mesmos efeitos, não prova que são a mesma coisa.⁸ Por conseguinte, a violência, também, não pode substituir legitimamente a autoridade.

⁴ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro.

⁵ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 147.

⁶ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 147.

⁷ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 147.

⁸ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 140.

Outrossim, pontua Hannah Arendt, hodiernamente existe uma confusão entre “autoridade com tirania e de poder legítimo com violência”. Razão pela qual, segundo ela, muitos advogam que “todo o poder corrompe”,⁹ buscando constantemente a dissolução deste. Com isso, na perspectiva da autora, a liberdade estaria fadada a ser destruída, porquanto, sem a presença do oposto, perde-se a própria essência.

Em contrapartida, o tirano governa segundo os seus próprios interesses, enquanto o “governo autoritário é limitado por leis”.¹⁰ A autoridade em um governo autoritário deve ser sempre transcendente a ele mesmo, o que Hannah Arendt ilustra através da imagem da pirâmide, que possui, nas monarquias cristãs da Idade Média, um excelente exemplo, segundo o qual Deus funciona como o legitimador de toda a autoridade. Nesse sistema, a fonte de autoridade é externa a si mesma. A sede do poder está no topo, e cada camada abaixo possui algum nível de autoridade, que é sempre depressiva, incorporando suas desigualdades através de uma estrutura hierárquica.

No âmbito de um governo tirânico, entretanto, essas camadas intermediárias são inexistentes, restando apenas o topo e a base da pirâmide. O topo da pirâmide é sustentado pela violência, visto que o tirano governa contra todos, sobre uma massa indistinta de indivíduos. As antigas tiranias gregas, de acordo com Hannah Arendt, exemplificam bem esse modelo. Enfim, conclui a autora, conquanto qualquer hierarquia possa decair em uma tirania, elas não são, definitivamente, a mesma coisa.

O regime totalitário, por sua vez, opera segundo um modelo de “cebola”, governando de dentro para fora, e nunca de cima para baixo ou a partir de fora, pois é protegido por diversas camadas menos autoritativas da “factualidade do mundo real”,¹¹ porém, quanto mais próximo do núcleo de poder, maior é o fanatismo. Contudo, cada camada está isolada, percebendo-se como não muito mais radical que as circundantes, o que dá uma impressão de normalidade ao mundo exterior.

Em síntese, Hannah Arendt, em seu texto sobre o “que é autoridade?”, demonstra magistralmente que nem todas as estruturas de poder são criadas igualmente ou servem para o bem da humanidade; algumas são doentias. Pode-se, portanto, afirmar que “autoridade implica uma obediência na qual os homens retêm sua liberdade”.¹² Autoridade é um meio de assegurar a obediência ou cooperação em um contexto político ou nas relações humanas em geral, sem o uso de coerção ou persuasão. Para a autora, o uso de poder, força, violência ou persuasão para se estabelecer autoridade é uma operação ilegítima, porquanto a individualidade e autenticidade do indivíduo devem sempre ser preservadas.

Enfim, na concepção de Hannah Arendt, poder é a capacidade de agir coletivamente, fundamentada no consentimento do grupo; força é a manifestação física

⁹ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 153.

¹⁰ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 153.

¹¹ ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 157.

¹² ARENDT, H., Entre o passado e o futuro, p. 164.

desse poder, envolvendo coerção; e autoridade é o reconhecimento e aceitação de uma hierarquia ou tradição, desprovida da necessidade de coerção ou persuasão. Assim sendo, a natureza tripartite do poder, delineada pela autora, manifesta-se com maior clareza no modelo autoritário, no qual a autoridade, sustentada pela aceitação e reconhecimento de uma hierarquia ou tradição, prevalece de maneira mais evidente. Em contraste, nos modelos totalitário e tirânico, a força impera, resultando na quase total ausência da verdadeira autoridade, conforme definida por Hannah Arendt.

2. Aspectos literários constitutivos das narrativas bíblicas e o método de abordagem

Preliminarmente, em perspectiva do método de abordagem bíblica utilizado no âmbito do presente estudo, há de se dar uma rápida palavra acerca de alguns elementos conceituais que fazem parte do vocabulário da *análise narrativa*. Evoca-se, para tanto, como premissa básica, as proposições de Northrop Frye e Karl-Josef Kuschel, segundo as quais, “a Bíblia pode até ser outras coisas mais do que uma obra literária, mas sem dúvida é também uma obra literária”,¹³ porquanto é por meio de retratos literários que se narram a “história do Deus que se relaciona com o mundo” e também a “história de desespero e esperança dos seres humanos na relação com seu Deus”.¹⁴ Outrossim, de acordo com Frye,¹⁵ os enredos bíblicos emolduram o *background* ideológico que regula toda literatura ocidental, formando o pensamento civilizatório da humanidade, razão pela qual é razoável que se considere pertinente a predileção por uma abordagem sincrônica das Escrituras¹⁶ como relevante ferramenta para o processo de aproximação teológica às camadas de significado constituintes do *mundo narrado*.¹⁷

A expressão *mundo narrado*, aliás, constitui-se como um dos termos mais importantes do vocabulário da *análise narrativa* para o presente estudo. A despeito de toda a história redacional do texto bíblico e de seu *Sitz im Leben* (contexto histórico fundante) – que de modo algum deve ser desprezado –,¹⁸ há de se considerar o “mundo da narrativa” como a realidade através da qual performar-se-ão as questões teológicas constituintes do mundo do autor (o mundo real), artisticamente composto, com a sua lógica interna metaforicamente planejada.¹⁹

¹³ FRYE, N., *The Educated Imagination*, p. 97.

¹⁴ KUSCHEL, K. J., „Vielleicht hält Gott sich einige Dichter“ – Literarisch-theologische Poträts, p. 391.

¹⁵ FRYE, N., *The Great Code: The Bible and Literature*, p. xi-xxiii.

¹⁶ SKA, J. L., *Come Leggere L'Antico Testamento?*, p. 23-38; SKA, J. L., *Sincronia: L'Análisi Narrativa*, p. 139-170.

¹⁷ PARMENTIER, E., *Dieu a des histories: La dimension théologique de la narrativité*, p. 112.

¹⁸ WELLHAUSEN, J., *Israelitische und Jüdische Geschichte*, p. 10-33; GARCIA LÓPEZ, F., *Pentateuco*, p. 74-75.

¹⁹ MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y., *Pour Lire les Récits Bibliques: initiation à l'analyse narrative*, p. 9-10; RICOEUR, P., *Stellung und Funktion der Metapher in der biblischen Sprache*, p. 45-70; RICOEUR, P., *La métaphore vive*; RICOEUR, P., *L'herméneutique biblique*.

Esse palco, por assim dizer, constitui-se como pano de fundo para o enredo que conduz a atuação das personagens.²⁰

A *unidade temática*, por sua vez, corresponde, justamente, ao arcabouço de temas teológicos que o autor traz para o subtexto do enredo, sendo, portanto, discutidos mimeticamente na performance das personagens ao longo do desenvolvimento do seu *arco narrativo*.²¹ O *discurso narrativo* é articulado a partir do ponto de vista do narrador acerca das questões teológicas constituintes da *unidade temática*, isto é, o ensinamento pretendido.²² Como dito anteriormente, este ensinamento não é expositivo, mas sim performado nas ações que compõem o *arco narrativo* das personagens – incluindo a própria caracterização destes atores dentro da narrativa –, ou seja, sua trajetória dentro do enredo.²³

Dessa forma, há de se dizer que a análise do comportamento das personagens, no âmbito do *mundo narrado*, frente aos acontecimentos do enredo (*arco narrativo*) é de fundamental importância para a compreensão do *discurso narrativo* acerca da *unidade temática*, isto é, por meio da atuação das personagens é que o narrador projeta a sabedoria que pretende transmitir aos seus narratários. No caso do recorte proposto pelo presente estudo, importa observar o comportamento de YHWH e Faraó dentro do fluxo narrativo do enredo exodal. Mais especificamente, deve-se prestar atenção a dois aspectos: (1) como eles reagem aos eventos narrados; bem como verificar (2) em que medida, concomitantemente, eles dão causa a esses acontecimentos.

3. O comportamento de YHWH e de Faraó na narrativa exodal

A primeira seção narrativa do livro do Êxodo, que começa com a referência aos descendentes de Jacó (estabelecendo uma relação de continuidade com o último ciclo narrativo do Gênesis),²⁴ o episódio das parteiras e o nascimento de Moisés, se estendendo até o encontro do SENHOR com seu povo no Sinai (Ex 19), constitui-se como o recorte narrativo base para o que será analisado a seguir. Neste ciclo narrativo (Ex 1 – 19), que reconhecidamente consiste na base teológica mais retrorreferenciada de toda a Bíblia,²⁵ as

²⁰ BAR-EFRAT, S., Narrative Art in the Bible, p. 93-94.

²¹ AMIT, Y., Reading Biblical Narratives, p. 69-91; AUERBACH, E., Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature, p. 3-23.

²² FOKKELMAN, J. P., Reading Biblical Narrative, p. 123; STERNBERG, M., The Poetics of Biblical Narrative, p. 129-131; YAMASAKI, G., Watching a Biblical Narrative: Point of View in Biblical Exegesis, p. 152-186.

²³ BERLIN, A., Poetics and Interpretation of Biblical Narrative, p. 33-34; GUNN, D. M.; FEWELL, D. N., Narrative in the Hebrew Bible, p. 63-75.

²⁴ GRENZER, M., Do clã de Jacó ao povo de Israel (Ex 1,1-7), p. 83-94; SAILHAMER, J. H., The Pentateuch as Narrative, p. 241-242.

²⁵ MACCHI, J. D., Exode, p. 264; GRENZER, M., O projeto do Êxodo, p. 13; FOKKELMAN, J. P., Exodus, p. 56; HASEL, G. F., Old Testament Theology, p. 147-175; FRETHEIM, T. E., The Pentateuch, p. 20-21.

personagens YHWH e Faraó são colocadas em relação de antagonismo, sendo o SENHOR o grande protagonista e o faraó egípcio seu antagonista. Na qualidade de protagonista, portanto, o SENHOR é aquele que se identifica com as adversidades impostas ao *arco narrativo* das demais personagens da trama, dando-lhes livramento de seu infortúnio, ao passo que Faraó, no papel de antagonista, é quem dá causa ao sofrimento dessas personagens e, em sua reação ao protagonismo de YHWH, posiciona-se como obstáculo para a prática da justiça.²⁶

A narrativa exodal, não despropositadamente, começa com a menção aos descendentes de Jacó (Ex 1,1-14), porquanto, além de aludir (em forma de contraste) aos tempos em que houve outro Faraó que agiu com misericórdia, instaura-se o conflito entre os filhos de Israel e o novo Faraó (Ex 1,8), que não conhecera José, isto é, não tem compromisso com os mesmos ideais que seu antepassado teve.²⁷ Ao narrador emprestar-lhe a voz pela primeira vez (Ex 1,9.10), por meio de um discurso manipulador e articulando uma retórica fundamentada no *medo*, que instiga ações de tirania e opressão da parte dos egípcios em relação aos hebreus, Faraó se apresenta, em toda a sua vilania, para ser o grande antagonista de YHWH e seu povo.²⁸ Ao promover um discurso de ódio contra os imigrantes, argumentando acerca do perigo que eles supostamente representavam, Faraó astuciosamente equaciona a relevância de sua autoridade à imagem de legítimo defensor da seguridade do povo egípcio, levando-os – ao induzi-los a praticar violência, em virtude do *medo* plantado – a acreditar que realmente estavam agindo de acordo com os próprios desígnios (Ex 1,11-14).

Os efeitos nefastos da mentalidade que Faraó implantou no imaginário dos egípcios foram tão grandes que chegaram a naturalizar toda uma política de morte, simbolizada pela matança dos bebês israelitas (Ex 1,15-19), da qual Moisés escapou por um ato de luzidez da filha de Faraó, que assim como as parteiras, que temeram mais a YHWH do que o soberano do Egito, agiu, dentro de suas possibilidades, contra aquela ideologia mortal (Ex 1,20-22; 2,1-9).²⁹ Outrossim, mesmo depois da morte deste Faraó, tamanha potência de seu discurso, a mentalidade por ele desenvolvida se tornou paradigma político no Egito, que se converteu em um sistema discricionário escravista.³⁰ O novo Faraó, por conseguinte, como herdeiro dessa ideologia de opressão, assume o papel vilanesco de seu antecessor, dando sequência de maneira mais terrível ainda ao antagonismo contra o SENHOR e os hebreus (Ex 5,6-14).

Diante das iniciativas diplomáticas de YHWH – por intermédio de seu representante Moisés –, a reação do faraó egípcio desmascara sua própria mentira, pois a razão para o *medo*,

²⁶ BREY, P., O projeto do Êxodo e a legitimidade do poder: aspectos sintomáticos da narrativa exodal a respeito da migração humana, p. 73-86; BREY, P., Soberania e [i]legitimidade do poder desde o ponto de vista do preâmbulo à legislação do Antigo Israel, p. 106-118.

²⁷ BROWN, R., Entendendo o Antigo Testamento, p. 17.

²⁸ ALTER, R., The Five Books of Moses, p. 307-311.

²⁹ GRENZER, M., Em defesa da criança (Ex 1,15-2,10), p. 25-37.

³⁰ CASSUTO, U., A Commentary on the Book of Exodus, p. 226-227.

que em tese legitimaria a instauração de sua política de opressão violenta, era a presença dos imigrantes israelitas no Egito. No entanto, o SENHOR, agora, estava propondo que os hebreus fossem deixados partir. A recusa sistemática de Faraó em deixá-los ir embora (descrita ao longo dos capítulos 6 a 14 do livro do Êxodo), por conseguinte, revela que, na verdade, seus motivos são outros, que não a pretensa fundamentação retórica de seu discurso.³¹

Quando se narra que o SENHOR endureceu o coração de Faraó (Ex 4,21; 7,3.13.14.22.23; 8,15.19.32; 9,7.12.35; 10,1.20; 11,10), conforme analisa Fernando Gross em sua Dissertação de Mestrado (2017) – orientada por Matthias Grenzer (PUC-SP) –,³² não significa uma trapaça da parte de YHWH, interferindo nas decisões de seu inimigo apenas para incriminá-lo. Mais propriamente, de acordo com Gross,³³ o sentido da frase *וַיִּמְצָדְךָ אֶת-לִבּוֹ* (tomando Ex 4,21 como exemplo), seria “Eu tornarei forte o coração dele”. Tal entendimento significa que o SENHOR atribuiu peso ao coração de Faraó, isto é, respeitando a posição de liderança do monarca egípcio, YHWH concedeu-lhe a oportunidade de em conformidade com coração dele (livre arbítrio) fazer a escolha certa, de acordo com que era justo.

Com isso o SENHOR estaria dando peso (no sentido de honrar) ao coração de Faraó, pois, caso ele fizesse a escolha justa, YHWH estaria concedendo-lhe o mérito de ter se comportado adequadamente em relação à sua posição de autoridade. Entretanto, em nenhuma das oportunidades o soberano egípcio é motivado pela justiça, antes acentua a retórica de seu discurso fundamentado em alegações falsas. Gross³⁴ comenta que quando (nas passagens listadas no parágrafo anterior) é o Faraó que age em relação ao próprio coração, como quando se diz que “ele endureceu o coração”, o sentido é de que o coração dele ficou obstinado, ou seja, inflexível em relação às suas mais profundas intenções, que, enfim, o levaram a manter seu comportamento tirânico até as últimas consequências, que culminaram na sua morte e destruição de seu exército (Ex 14,26-31).³⁵

Em contrapartida, no que se refere ao comportamento de YHWH no âmbito dessa seção narrativa, há de se dizer que o SENHOR é movido pela misericórdia, porquanto é retratado como um Deus que ouve o grito dos oprimidos, se irrita com a injustiça e age contra a opressão (Ex 2,23-25; 6,2-13).³⁶ Outrossim, esses textos informam ao ouvinte-leitor que o SENHOR tem a intenção de cumprir sua promessa de *aliança* com os patriarcas do povo, informação que revela que YHWH é um Deus que cumpre com sua

³¹ BREY, P., A diplomacia do SENHOR na trama exodal, p. 71-75.

³² GROSS, F., O coração do faraó no livro do Êxodo e na Tradição Judaica.

³³ GROSS, F., O coração do faraó (Ex 4-14), p. 138-159.

³⁴ GROSS, F., O coração do faraó (Ex 4-14), p. 138-159.

³⁵ GRENZER, M., O fracasso da política de opressão violenta (Êxodo 1,8-14), p. 141-163.

³⁶ GRENZER, M., Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c), p. 129-139; GRENZER, M., O grito dos oprimidos (Ex 2,23-25), p. 19-34.

palavra.³⁷ Destarte, em perspectiva da cena final do recorte narrativo traçado pelo presente estudo, quando o SENHOR se encontra com seu povo no Sinai, há de se observar, na fundamentação retórica de seu discurso (Ex 19,4), uma retrorreferência às suas ações em três perspectivas: (1) em relação ao que ele fez aos egípcios; (2) em relação ao que ele fez contra o Faraó; (3) em relação ao que ele fez em favor dos hebreus.³⁸

Destaque seja dado ao fato de que Faraó primeiramente articula um discurso, baseado em uma hipótese falsa, para legitimar as ações tirânicas que ele já nutria em seu coração (conforme demonstrado anteriormente), visando manipular as emoções dos egípcios para praticarem maldade. O SENHOR, todavia, apresenta seu discurso apenas ao final de seus atos salvíficos, para explicar a motivação e a causa de seu comportamento. De modo algum YHWH fabrica um discurso alienante para capturar a consciência do povo e mobilizá-los a qualquer tipo de militância, antes ele age ao ponto das necessidades dos oprimidos, para só então, quando estivessem a salvo (longe do calor das emoções), apresentar os termos de sua *aliança* (Ex 19,5.6).

Por isso, o SENHOR inicia seu primeiro discurso (Ex 19,4) direcionado ao povo (no Sinai) proferindo a frase אַתֶּם רְאִיתֶם (*vós vistes*).³⁹ É a partir da experiência que o povo tivera com seu Deus que o legislador-discursista vai fundamentar o preâmbulo da promulgação da legislação do Antigo Israel, que a partir daquele momento, tendo aceitado os termos da *aliança* (Ex 19,5) se tornaria propriedade particular do SENHOR e, em Ex 19,6, povo eleito ao *status* de גֹּי קֹדֶשׁ (*reino de sacerdotes*) e עַם קֹדֶשׁ (*nação santa*). Tal dignidade, por conseguinte – em perspectiva da presença do adverbio הַיּוֹם (*agora*), seguido pela conjunção $\text{וְ$ (*se*), dando início à toda construção frasal (configurada sob um arranjo de prótase e apódose) condicional “se ouvirdes atentamente minha voz e observardes minha aliança” (Ex 19,5) –,⁴⁰ estabelece que a validade da *aliança* está atrelada ao comportamento de Israel (doravante) jamais se tornar parecido com o comportamento de Faraó, antes que a nova nação seja representante do comportamento do SENHOR, diante de todos os povos da Terra.⁴¹

Dessa forma, voltando ao complemento da frase אַתֶּם רְאִיתֶם (*vós vistes*), do início do discurso (Ex 19,4), observa-se qual comportamento é esse que o SENHOR estipula

³⁷ BREY, P., O projeto do Êxodo e a legitimidade do poder: aspectos sintomáticos da narrativa exodal a respeito da migração humana, p. 73-86.

³⁸ BREY, P., Soberania e [i]legitimidade do poder desde o ponto de vista do preâmbulo à legislação do Antigo Israel, p. 106-118.

³⁹ HOUTMAN, C., Exodus, p. 424-425; BREY, P., O Senhor evoca o passado para reiterar o presente e anunciar o futuro: a retórica da configuração literária do discurso do Senhor no Sinai (Ex 19,4-6a), p. 242.

⁴⁰ BREY, P., O Senhor evoca o passado para reiterar o presente e anunciar o futuro: a retórica da configuração literária do discurso do Senhor no Sinai (Ex 19,4-6a), p. 239-240.

⁴¹ PROPP, W. H. C., Exodus 1-18, p. 156-157; SARNA, N. M., Exodus Commentary, p. 103; FISCHER, G.; MARKL, D., Das Buch Exodus, p. 212-216; DURHAM, J. I., Exodus, p. 262; CASSUTO, U., A Commentary on the Book of Exodus, p. 227.

como modelo condicionante da *aliança*. O primeiro elemento destacado surge por intermédio da frase *אֲשֶׁר עָשִׂיתִי לְמִצְרַיִם (o que fiz aos egípcios)*. O que, de fato, o SENHOR fez aos egípcios? A resposta a esta questão, por conseguinte, remonta ao fato de YHWH ter dado diversas oportunidades para que Faraó fizesse o que era justo aos hebreus e libertasse os próprios egípcios da mentalidade nefasta do seu sistema opressor. Entretanto, diante da recusa do soberano egípcio, o SENHOR agiu contra ele e seu exército, em legítima defesa dos oprimidos que eram perseguidos de morte pelo deserto.⁴²

Tal ação, da parte de YHWH, ao mesmo tempo em que acabou por salvar os filhos de Israel da morte certa, libertou, também, o povo egípcio do julgo ideológico do discurso de Faraó.⁴³ Como evidência desse entendimento, pode-se dar destaque ao fato dos próprios egípcios (civis) presentearem o povo hebreu, no âmbito de sua fuga, com joias e animais. Conquanto, no âmbito das tradições bíblicas, o Egito geralmente assuma simbolicamente o papel de antagonismo em relação a Israel,⁴⁴ essa cena é sintomática de que o juízo divino se deu contra a mentalidade opressora de Faraó e não contra os egípcios, etnicamente falando,⁴⁵ visto que, por meio deste gesto de benemerência, o povo do Egito deu prova de que, a exemplo das parteiras, no início da narrativa, havia lucidez para a justiça entre eles, sendo, portanto, o seu grande problema o sistema de poder estabelecido pelo seu faraó.

A segunda frase de Ex 19,4, que evoca o comportamento de YHWH, em complemento a “vós vistes”, é *וַתִּשָּׂא אֶתְכֶם עַל-כַּנְפֵי נְשָׁרִים (e como vos levantei contra asas de abutre)*.⁴⁶ Aqui se refere, justamente, a ação salvífica do SENHOR contra a injustiça em defesa daqueles que não podiam defender a si mesmos. Trata-se de YHWH tomar a causa dos oprimidos e os levantar contra o poder bélico de Faraó e dar-lhes a vitória (Ex 14,26-31).

Por fim, a terceira frase complementar a “vós vistes” (Ex 19,4) é *וַתֵּבֵא אֶתְכֶם אֵלַי (e a mim vos trouxe)*. Depois de ter dito o que fez aos egípcios, que derrotou o sistema discricionário do Egito escravista, agora YHWH completa a descrição de seu comportamento na trama exodical evocando suas ações de proteção durante a fuga pelo deserto.⁴⁷ Compreende-se, a partir dessa referência, a garantia de sustento, assegurando-lhes acesso ao alimento e água, bem como, confortando-os nos momentos de frio e calor durante a jornada, até que chegassem em segurança ao Sinai.

⁴² GRENZER, M., Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c), p. 129-139.

⁴³ DOZEMAN, T. B., Commentary on Exodus, p. 442-443.

⁴⁴ KESSLER, R., Die Ägyptenbilder der Hebräischen Bibel, p. 109-115.

⁴⁵ CASSUTO, U., A Commentary on the Book of Exodus, p. 226-227; DURHAM, J. I., Exodus, p. 262.

⁴⁶ Quanto à tradução dessa frase, tendo *נְשָׁרִים* para “abutres” ao invés de “águias” e *עַל* para “contra” ao invés de “sobre”, recomendam-se duas publicações prévias nas quais os detalhes explicativos de tais opções já foram contemplados: GRENZER, M.; BREY, P., Águia ou abutre? (Ex 19,4), p. 347-360; BREY, P., O Senhor evoca o passado para reiterar o presente e anunciar o futuro: a retórica da configuração literária do discurso do Senhor no Sinai (Ex 19,4-6a), p. 228-250.

⁴⁷ HOUTMAN, C., Exodus, p. 425; CASSUTO, U., A Commentary on the Book of Exodus, p. 223; FERNANDES, Leonardo A; GRENZER, Matthias. Êxodo: 15,22-18,27.

4. Autoridade e [i]legitimidade do poder na narrativa exodal

Investe-se, enfim, a partir de agora, na aplicação do modelo teórico de Hannah Arendt, acerca do “que é autoridade?”, ao contraste panorâmico, desenvolvido no tópico anterior, entre as personagens YHWH e Faraó no âmbito da narrativa exodal. Tal empresa, por conseguinte, requer que se verifique, a partir do *arco narrativo* de cada personagem, as feições de comportamento compatíveis com cada categoria conceitual correspondente ao paradigma apresentado no livro “Entre o passado e o futuro”. À vista disso, há de se obter um parâmetro, vinculado à perspectiva da filosofia política de Hannah Arendt, para aferir-se a [i]legitimidade do poder e a autoridade das duas personagens, aqui, selecionadas das narrativas do livro do Êxodo.

Com vistas a esse exercício interpretativo, contudo, a fim de se evitar anacronismos, sejam determinados alguns limites. Conquanto seja pretensão deste estudo a utilização das lentes arendtianas para leitura da narrativa exodal, abster-se-á, aqui, de se tentar fazer uma identificação total entre os sistemas de governo constituintes do *mundo narrado* no livro do Êxodo (nesse caso o sistema faraônico, pois, na fatia narrativa analisada, o sistema israelita ainda estava por ser estabelecido), com os modelos descritos por Hannah Arendt como: autoritário; tirânico; totalitário. O foco principal, portanto, do recorte, aqui, proposto, refere-se ao aspecto do comportamento das duas personagens selecionadas para se estabelecer o contraste, em relação às quais pretende-se averiguar, em perspectiva de suas ações, a legitimidade de seu poder e autoridade, o que, eventualmente, poderia enquadrá-las (sobretudo Faraó), a depender de outros fatores, em um ou mais dos três modelos retromencionados.

Dentro do raio conceitual de Hannah Arendt, acerca da natureza tripartite do poder, por conseguinte, diferencia-se autoridade de poder e força, argumentando que: poder é a capacidade de agir em conjunto e é baseado no consentimento do grupo; força é a manifestação física do poder e envolve coerção; e autoridade é baseada no reconhecimento e aceitação de uma hierarquia ou tradição sem necessidade de coerção ou persuasão. Portanto, a natureza tripartite do poder delineada por Hannah Arendt manifesta-se com maior clareza no modelo autoritário, onde a autoridade, alicerçada na aceitação e no reconhecimento de uma hierarquia ou tradição, impera de maneira mais nítida. Nos modelos totalitário e tirânico, entretanto, predomina a força, sendo que a verdadeira autoridade, conforme a definição arendtiana, encontra-se praticamente ausente.

Semelhantemente ao que Hannah Arendt mencionou a respeito dos gregos, que, em seu exercício de autoridade, usavam a persuasão em assuntos da pólis e a força ou violência em assuntos estrangeiros, o sistema faraônico, como visto anteriormente, também utilizava uma dupla estratégia de poder. No que tange à mobilização do próprio povo, Faraó tenta legitimar sua autoridade por meio da manipulação retórica de seu discurso, que visava persuadir os egípcios acerca dos perigos provenientes da presença dos hebreus em sua terra,

instigando-lhes, assim, por meio do *medo*, à prática da maldade. Em contrapartida, uma vez fundamentada sua autoridade neste discurso falacioso, Faraó forja a legitimidade de seu poder para, por meio da força, escravizar e oprimir os imigrantes, subjugando-os ao seu domínio.

Em relação ao comportamento de YHWH, entretanto, aos olhos do esquema conceitual de Hannah Arendt, há de se dizer que, ao contrário de Faraó, as ações do SENHOR não são legitimadas por meio de persuasão, tampouco pelo poder da força, antes pela justiça, que constitui a índole do seu caráter. Isso quer dizer que a autoridade de YHWH, no âmbito da narrativa exodal, não tem segundas intenções (como é o caso de Faraó), visto que suas ações são desencadeadas pelo grito dos oprimidos, que lhe chega aos ouvidos. Ele simplesmente agiu, antes mesmo de discursar no Sinai, onde, como fundamento da *aliança* que propõe com seu povo, ele apresenta suas próprias ações salvíficas, sem ter, para isso, requerido qualquer garantia prévia dos hebreus, enquanto ainda não podiam fazer nada em favor de si mesmos.

Otrossim, no que se refere ao uso da força, conquanto haja margem para discussão acerca das pragas, é razoável que se diga que, no caso da destruição de Faraó e seu exército, assim como Moisés matando um egípcio que agredia um hebreu indefeso (Ex 2,11-22), YHWH agiu em legítima defesa de um terceiro, principalmente porque tal ação se deu em última instância, quando Faraó encurralou os israelitas, sem deixá-los alternativa alguma de escapatória. Além disso, uma vez que o poder bélico de Faraó simbolizava a sua ideologia de opressão e morte, na verdade deve-se considerar que o SENHOR destruiu a mentalidade que aprisionava os egípcios, mas, de modo algum, perpetrou uma agressão étnica ao povo do Egito. Por conseguinte, em virtude dessa ação não corresponder às intenções de um discurso injusto e opressor, antes um ato salvífico, há de se dizer que não se trata de uma tentativa de legitimação de poder e autoridade, pois o verdadeiro fundamento, neste caso, é a prática da justiça.

Dessa forma, portanto, no âmbito das narrativas do livro do Êxodo, o comportamento de YHWH corresponde à própria manifestação da justiça. O comportamento de Faraó, todavia, corresponde à manifestação da própria injustiça. Assim, em perspectiva das proposições de Hannah Arendt acerca do “que é justiça?”, há de se dizer que o comportamento antagônico entre o SENHOR e o faraó egípcio delinea o contraste entre autoridade e [i]legitimidade do poder na narrativa exodal, sendo, portanto, YHWH legitimado pelas suas ações salvíficas, constituintes das feições de justiça de seu caráter, enquanto, por sua vez, Faraó é ilegitimado pelo próprio discurso opressor que fundamenta suas ações de injustiça, impostas pelo uso da força e violência.

Conclusão

Observou-se, no âmbito deste breve estudo, que Hannah Arendt no capítulo “que é autoridade?” do seu livro intitulado “Entre o Passado e o Futuro”, concebe a autoridade como uma forma de poder que, por ser obedecida sem a necessidade de

coerção ou persuasão, fundamenta-se na aceitação e no reconhecimento de uma hierarquia ou tradição. Tal obediência se dá pelo reconhecimento da legitimidade moral de quem exerce a soberania. Assim, verificou-se que, no contexto da narrativa do livro do Êxodo, o conceito tripartite de Hannah Arendt sobre poder, força e autoridade pode ser utilizado para analisar o antagonismo teológico entre YHWH e o faraó egípcio. Pois, foi possível observar que, em contraste, o discurso preambular do SENHOR ao promulgar a legislação do Antigo Israel destaca a diferença entre o caráter de YHWH e Faraó, utilizando essa fundamentação para atestar a legitimidade do poder do SENHOR frente ao sistema escravista egípcio.

Destaque foi dado ao fato de que Hannah Arendt diferencia poder, força e autoridade: poder é a capacidade de agir coletivamente, baseado no consentimento do grupo; força é a manifestação física do poder, envolvendo coerção; e autoridade é baseada no reconhecimento e aceitação de uma hierarquia ou tradição, sem necessidade de coerção ou persuasão. A natureza tripartite do poder delineada por Hannah Arendt, por conseguinte, manifesta-se mais claramente no modelo autoritário, onde a autoridade, alicerçada na aceitação e reconhecimento de uma hierarquia ou tradição, impera de maneira mais evidente. Nos modelos totalitário e tirânico, predomina a força, e a verdadeira autoridade, conforme a definição arendtiana, está praticamente ausente.

Dessa forma, chegou-se à conclusão de que o comportamento de YHWH, conforme o esquema conceitual de Hannah Arendt, difere fundamentalmente do comportamento de Faraó. As ações de YHWH são legitimadas pela justiça, em contraste com Faraó, que utiliza manipulação retórica e força para exercer o poder. A autoridade de YHWH na narrativa exodal é demonstrada através de ações salvíficas, sem segundas intenções, fundamentadas na justiça e não na coerção. Mesmo nos casos em que YHWH utiliza a força, como na destruição do exército de Faraó, essa ação é vista como legítima defesa dos oprimidos, não como agressão étnica. Assim, o comportamento de YHWH, fundamentado na justiça, legitima seu poder e autoridade, enquanto Faraó é ilegitimado por suas ações opressoras e injustas.

Referências bibliográficas

ALTER, Robert. **The Five Books of Moses: a translation with commentary**. New York: W. W. Norton & Company, 2008.

AMIT, Yairah. **Reading Biblical Narratives: Literary Criticism and the Hebrew Bible**. Minneapolis: Fortress Press, 2001.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Debates – Política, 64).

AUERBACH, Erich. **Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature**. New Jersey: Princeton University Press, 2003.

BAR-EFRAT, Shimon. **Narrative Art in the Bible**. New York: T&T Clark, 2008.

BERLIN, Adele. **Poetics and Interpretation of Biblical Narrative**. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

BREY, Petterson. O projeto do Êxodo e a legitimidade do poder: aspectos sintomáticos da narrativa exodal a respeito da migração humana. **Revista Caminhando**, São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, p. 73-86, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v24n2p73-86>>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BREY, Petterson. O Senhor evoca o passado para reiterar o presente e anunciar o futuro: a retórica da configuração literária do discurso do Senhor no Sinai (Ex 19,4-6a). **Revista Pesquisas em Teologia (PQTEO)**, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p. 228-250, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2020v3n6p228>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BREY, Petterson. Soberania e [i]legitimidade do poder desde o ponto de vista do preâmbulo à legislação do Antigo Israel. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo M.; CATARINO, Elisângela M.; SANTOS, Jeová B. dos (Orgs.). **Teologia, política e religião 2**. Ponta Grossa: Atena, 2021, p. 106-118.

BREY, Petterson. A diplomacia do SENHOR na trama exodal. In: NEF ULLOA, Boris A.; ARAUJO, Gilvan L.; GRENZER, Matthias (Orgs.). **Bíblia e paz**. São Paulo: PUC-SP, 2023, p. 71-75. (Coleção LILETI, 4).

BROWN, Raymond. **Entendendo o Antigo Testamento: esboço, mensagem e aplicação de cada livro**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

CASSUTO, Umberto. **A Commentary on the Book of Exodus**. Jerusalem: The Magnes Press, The Hebrew University, 1967.

DOZEMAN, Thomas B. **Commentary on Exodus**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2009. (The Eerdmans Critical Commentary).

DURHAM John I. **Exodus**. Dallas: Word, Incorporated, 1987. (Word Biblical Commentary, 3).

FERNANDES, Leonardo A; GRENZER, Matthias. **Êxodo: 15,22-18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011. (Comentário Bíblico Paulinas).

FISCHER Georg; MARKL, Dominik. **Das Buch Exodus**. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk GmbH, 2009. (Neuer Stuttgarter Kommentar Altes Testament, 2).

FOKKELMAN, Jan P. Exodus. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (Eds.). **The Literary Guide to the Bible**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1987, p. 56-65.

FOKKELMAN, Jan P. **Reading Biblical Narrative: an introductory guide**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999.

FRETHEIM, Terence E. **The Pentateuch**. Nashville: Abingdon Press, 1996. (Interpreting Biblical Texts).

FRYE, Northrop. **The Educated Imagination**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

FRYE, Northrop. **The Great Code: The Bible and Literature**. New York: Mariner Books, 2002.

GARCIA LÓPEZ, Félix. **Pentateuco**: introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2016.

GRENZER, Matthias. Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c). **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. IX, n. 35, p. 129-139, abr./jun. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19176/rct.v0i35.24167>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GRENZER, Matthias. Em defesa da criança (Ex 1,15-2,10). **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. XIV, n.55, p. 25-37, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19176/rct.v0i55.15032>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GRENZER, Matthias. **O Projeto do Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

GRENZER, Matthias. Do clã de Jacó ao povo de Israel (Ex 1,1-7). In: **Revista de Cultura Teológica**, v. XXI, n. 81, p. 83-94, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19176/rct.v0i81.15573>>. Acesso em: 04 jul. 2024.

GRENZER, Matthias. O fracasso da política de opressão violenta (Êxodo 1,8-14). **Horizonte**: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, Belo Horizonte, v. 12, n. 33, p. 141-163, jan./mar. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2014v12n33p141-163>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GRENZER, Matthias. O grito dos oprimidos (Ex 2,23-25). **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, v. 4, n. 1, p. 19-34, dez. 2014. Disponível

em: <<https://doi.org/10.25247/2237-907x.2014v4n1.p319-334>>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GRENZER, Matthias. A proposta ímpar do amor ao imigrante (Lv 19,33-34). In: MOREIRA, Alberto da S. (Org.). **Religião, migração e mobilidade humana**. Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2017, p. 13-30.

GRENZER, Matthias; BREY, Petterson. Águia ou abutre? (Ex 19,4). **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 25, n. 90, p. 347-360, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.23925/rct.i90.35981>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GROSS, Fernando. **O coração do faraó no livro do Êxodo e na Tradição Judaica**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

GROSS, Fernando. O coração do faraó (Ex 4-14). **Revista Pesquisas em Teologia (PQTEO)**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 138-159, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/904/680>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

GUNN, David M.; FEWELL, Danna N. **Narrative in the Hebrew Bible**. New York: Oxford University Press, 2009. (The Oxford Bible Series).

HASEL, Gerhard F. **Old Testament Theology: basic issues in the current debate**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1995.

HOUTMAN, Cornelis. **Exodus**. Leuven: Peeters Publishers, 1996. (Historical Commentary on the Old Testament, 2).

HUISMAN, Denis. Entre o passado e o futuro (1954) – **Dicionário de obras filosóficas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 185.

KESSLER, Rainer. **Die Ägyptenbilder der Hebräischen Bibel: Ein Beitrag zur neueren Monotheismusdebatte**. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk GmbH, 2002. (Stuttgarter Bibelstudien, 197).

KUSCHEL, Karl-Josef. „Vielleicht hält Gott sich einige Dichter“ – Literarisch-theologische Poträts. Mainz: Matthias Grünewald Verlag, 1991.

MACCHI, Jean-Daniel. Exode. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe (Éd.). **Introduction à L'Ancien Testament**. Genève: Editions Labor et Fides, 2009, p. 256-268. (Le Monde de la Bible, 49).

MARQUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. **Pour Lire les Récits Bibliques: initiation à l'analyse narrative.** Paris: Les Éditions Du CERF; Genève: Labor Et Fides, 2009.

PARMENTIER, Elisabeth. Dieu a des histoires: La dimension théologique de la narrativité. In: MARGUERAT, Daniel (Éd.). **La Bible en Récits: L'exégèse biblique à l'heure du lecteur.** Genève: Labor Et Fides, 2005, pp. 112-119. (Le Monde de la Bible, 48).

PROPP, William H. C. **Exodus 1-18: a new translation with introduction and commentary.** New Haven: Yale University Press, 2010. (The Anchor Bible Commentary, 2).

RICOEUR, Paul. Stellung und Funktion der Metapher in der biblischen Sprache. In: RICOEUR, Paul; JÜNGEL, Eberhard (Hrsgs.). **Metapher. Zur Hermeneutik religiöser Sprache.** München: Chr. Kaiser Verlag, 1974, pp. 45-70. (Evangelische Theologie Sonderheft, 34 – Supplement).

RICOEUR, Paul. **La métaphore vive.** Paris: Éditions du Seuil, 1975. (L'ordre philosophique collection dirigée par François Wahl).

RICOEUR, Paul. **L'herméneutique biblique.** (La nuit surveillée). Paris: Les Éditions du CERF, 2001.

SAILHAMER, John H. **The Pentateuch as Narrative: A Biblical-Theological Commentary.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1992. (Library of Biblical Interpretation).

SARNA, Nahum M. **Exodus Commentary.** Philadelphia; New York; Jerusalem: The Jewish Publication Society, 1991. (The JPS Torah Commentary).

SKA, Jean L. Come Leggere L'Antico Testamento?. In: SIMIAN-YAOFRE, Horacio. (Ed.). **Metodologia Dell'Antico Testamento.** Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009a, pp. 23-38. (Studi Biblici, 25).

SKA, Jean L. Sincronia: L'Analisi Narrativa. In: SIMIAN-YAOFRE, Horacio. (Ed.). **Metodologia Dell'Antico Testamento.** Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2009b, pp. 139-170. (Studi Biblici, 25).

STERNBERG, Meir. **The Poetics of Biblical Narrative: ideological literature and the drama of reading.** Bloomington: Indiana University Press, 1987.

WELLHAUSEN, Julius. **Israelitische und Jüdische Geschichte.** Berlin: Walter de Gruyter, 2004. (de Gruyter Studienbuch).



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a08

YAMASAKI, Gary. **Watching a Biblical Narrative: Point of View in Biblical Exegesis.** New York: T&T Clark, 2007.

Petterson Brey

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Pós-Doutorando em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo
Membro do Grupo de Pesquisa TIAT
CNPq da PUC-SP

Docente do Programa e Pós-Graduação em Teologia do LabTEM
(Laboratório de Teologia Espiritualidade e Mística) filiado à Faculdade UNIDA
São Paulo/SP – Brasil
Email: pettersonbrey@gmail.com

Rodrigo Serveli

Mestre em Divindade pela Andrews University
Berrien Springs-MI (USA)

Doutorando em Ministério pelo Fuller Theological Seminary
Pasadena-CA (USA)

Capelão Hospitalar no AdventHealth East-Orlando
Orlando/FL – USA
Email: serveli@outlook.com

Recebido em: 16/07/2024

Aprovado em: 08/11/2024